

## TENSÃO NUCLEAR

# Mísseis e ogivas sobre a mesa

No dia em que caducou oficialmente o último tratado bilateral de limitação de armas nucleares, Estados Unidos e Rússia anunciam a retomada das conversações de alto nível sobre assuntos militares, suspensas desde a invasão russa da Ucrânia

Esquisadores que acompanhamos os assuntos de defesa e segurança, organizações pacifistas e até mesmo a cúpula da ONU aguardam com expectativa os desdobramentos do anúncio, feito ontem em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes, de que Estados Unidos e Rússia se dispõem a retomar o diálogo de alto nível sobre questões militares, suspenso às vésperas do ataque de Moscou à Ucrânia, que completa quatro anos no fim deste mês. A decisão, tomada à margem de negociações sobre a guerra no Leste Europeu, coincide com o vencimento oficial do último acordo entre as duas potências para a redução dos respectivos arsenais nucleares, firmado em 2011 e prorrogado mais cinco anos, em 2021.

O Novo Start, que limita o número de mísseis e ogivas de alcance estratégico para cada lado, é herança do período final da Guerra Fria entre os EUA e a hoje extinta União Soviética, quando, pela primeira vez, Casa Branca e Kremlin sinalizaram na direção do desarmamento atômico. Em 2023, em meio à troca de denúncias sobre violações dos termos do tratado, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, formalizou decisão de deixar de cumprí-lo. De volta à Casa Branca, ainda no mês passado Trump deu de ombros para a proximidade do vencimento do acordo: "Se expirar, expirou", disse.

Agora, o presidente dos EUA propõe que as potências negoçiem um novo tratado — que, na visão de sua equipe para a área, deveria incluir a China e seu arsenal. "Én vez de estender o Novo Start (um acordo mal negociado pelos EUA e que, além de tudo, está sendo gravemente violado), deveríamos fazer com que nossos especialistas em assuntos nucleares trabalhem em um tratado novo, melhorado e modernizado, que possa durar muito tempo", escreveu em sua plataforma, a Truth Social.



Míssil americano Minuteman em inspeção (E), arsenal russo em exibição: ausência de limite para os arsenais assombra o resto do mundo

### "Momento grave"

O vácuo no sistema de controle da corrida armamentista nuclear motivou uma declaração severa do secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres. "Vivemos um momento grave para a paz e a segurança internacionais", advertiu, para em seguida exortar Washington e Moscou a "retornar sem demora à mesa de negociações e acordar um marco sucessor" para o Novo Start. O Kremlin comprometeu-se a "atuar com prudência e responsabilidade", com abertura para "garantir a estabilidade estratégica".

Mencionada por estudiosos

como um dos pivôs do vencimento do tratado, e apontada pelos EUA como elemento chave para um novo entendimento, a China chamou as duas potências a "retomar o diálogo", mas descartou a participação no processo, "na atual etapa". "Nossas capacidades nucleares em uma escala totalmente diferente das de EUA e Rússia", afirmou o porta-voz

Vivemos um momento grave para a paz e a segurança internacionais"

António Guterres, secretário-geral das Nações Unidas

da chancelaria, Lin Jian, em entrevista coletiva. Um alto oficial da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan, aliança militar ocidental), tomou o partido dos aliados norte-americanos e condenou "a retórica nuclear irresponsável da Rússia". Também acusou Pequim de "continuar expandindo e diversificando rapidamente seu arsenal".

### Fim de era

A expiração anunciada do Novo Start, acompanhada pelas retomadas de novos armamentos pelas principais potências militares está no centro das preocupações do Instituto Internacional para Pesquisas sobre a Paz de Estocolmo (Sipri) — um dos centros de estudos mais prestigiados entre a comunidade acadêmica. Seu último relatório anual sobre o tema, divulgado em meados de 2025, faz um alerta para os riscos de uma nova corrida armamentista, mais perigosa que a vivida durante a Guerra Fria. Agora, em lugar de duas superpotências interessadas em evitar destruição mútua, o mundo conta com ao menos quatro países dotados de arsenais atômicos: Índia, Paquistão,

Coreia do Norte e Israel (embora esse último mantenha uma política de ambiguidade diante das denúncias de que dispõe de mais de 100 ogivas).

"Acabou a era da redução das armas nucleares, que durou desde o fim da Guerra Fria", sentencia Hans Kristensen, pesquisador associado ao Sipri e diretor da área de informações sobre armas atômicas na Federação dos Cientistas dos EUA. "Ao contrário, o que vemos é uma tendência crescente para a ampliação dos arsenais, a radicalização dos discursos e o abandono dos acordos sobre controle do armamentismo".

### Ucrânia

A decisão de EUA e Rússia sobre a retomada das negociações militares foi anunciada em Abu Dhabi, no encerramento da segunda rodada de conversações trilaterais entre as duas potências e a Ucrânia na busca de uma solução diplomática para a guerra no Leste Europeu. A única medida concreta acertada foi a troca de mais 342 prisioneiros de guerra, mas as partes se comprometeram a continuar o processo de discussões, possivelmente nas próximas semanas.

O enviado especial da Casa Branca, Steev Witkoff, considerou "produtivo" o encontro, mas reconheceu que "resta muito trabalho pela frente". Também o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, admitiu que a paz segue distante, mas reafirmou a disposição de negociar. "Certamente, não é fácil, mas a Ucrânia tem sido e continuará sendo o mais construtivo possível", declarou. "Queremos resultados mais rápidos."

A guerra na Ucrânia é o conflito armado mais duro e prolongado na Europa desde a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Zelensky reconheceu que seu país sofreu 55 mil baixas, embora especialistas e organismos independentes situem as cifras na casa das centenas de milhares de mortos — além de milhões de refugiados e deslocados. A Rússia não divulga números para suas perdas no terreno.



# Washington e Teerã dialogam entre ameaças

Emissários dos Estados Unidos e do Irã retinham-se hoje em Omã para retomar negociações sobre o programa nuclear do regime islâmico de Teerã, acusado de buscar clandestinamente, desenvolver armas. O cenário das conversações é dominado pela presença militar reforçada dos EUA no Golfo Pérsico, uma força-tarefa aeronaval nucleada pelo porta-aviões USS Abraham Lincoln. Caças de última geração fizeram ontem manobras nos limites da costa iraniana, enquanto Donald Trump renovava as ameaças

ao líder supremo do país. Perguntado se o aiatolá Ali Khamenei teria motivos para preocupação, o presidente norte-americano respondeu: "Acho que deveria estar preocupado, sim. Como você sabe, é conhecido que eles estão negociando".

A confirmação do encontro foi costurada entre demandas e ameaças de parte a parte, com idas e vindas em torno do local e da agenda. Fontes de Washington, citadas pela agência de notícias France-Presse, deram aval a um relato do site Axios, segundo o

qual a última palavra foi dada ontem, depois que vários líderes de países árabes e islâmicos insistiram com a Casa Branca para mantê-lo. Khamenei, que tem o poder de decidir sobre política externa, havia dado aval para as negociações, mas respondeu às pressões de Trump afirmando que qualquer ataque militar ao país seria o estopim para "uma guerra regional" em todo o Oriente Médio.

Originalmente, os EUA propunham como sede Istambul, na Turquia, e pretendiam colocar sobre a

mesma outros temas. "Para que isso leve a algum resultado significativo, eles (o Irã) terão de incluir assuntos como o alcance dos mísseis balísticos (iranianos), o patrocínio a grupos terroristas na região e o tratamento que dão ao próprio povo", disse o secretário de Estado Marco Rubio. Ele se referia, no último caso, à dura repressão do regime islâmico contra uma onda de protestos que se alastrou em janeiro, com saldo de milhares de mortos, segundo organizações pró-direitos humanos.

Da sua parte, o chanceler iraniano, Abbas Araghchi, aproveitou uma entrevista à rede norte-americana CNN, no fim de semana, para expor a própria agenda. "O presidente Trump diz: 'Nada de armas nucleares (no Irã)', e nós estamos completamente de acordo", afirmou. Em seguida, colocou sobre a mesa, como contrapartida, a suspensão das sanções unilaterais impostas ao Irã pelos EUA desde 2018, quando Trump, em seu primeiro mandato, rompeu

o acordo assinado três anos antes pelos dois países com um grupo de potências. "Um entendimento assim é possível", completou.

Araghchi é esperado em Mâscate, capital de Omã, para chefiar a delegação de Teerã. O próprio chanceler confirmou que as sessões teriam início às 10h (horário local, 3h em Brasília). Pelo lado americano, a equipe terá à frente o emissário especial da Casa Branca para assuntos internacionais, Steve Witkoff.

## AMÉRICA LATINA

# Anistia avança na Venezuela

A Assembleia Nacional da Venezuela, dominada pelos apoiantes do governo, deu ontem a largada para aprovar uma lei de anistia considerada histórica — inclusive por setores da oposição. O texto foi proposto pela presidente interina, Delcy Rodríguez, um mês depois de um comando de elite dos Estados Unidos atacar a capital, Caracas, e capturar o presidente Nicolás Maduro. O texto cobre crimes políticos penalizados durante os

27 anos do regime chavista e contempla a restauração dos direitos políticos dos que sofreram a perda dos direitos políticos. É este o caso da líder oposicionista María Corina Machado, ganhadora do Prêmio Nobel da Paz de 2025, impedida de disputar a eleição presidencial do ano anterior.

"Pedimos perdão e temos que perdoar também", disse o presidente da Assembleia, Jorge Rodríguez, que é irmão da

chefe de Estado interina e relatará o projeto final da Lei de Anistia para a Convivência Democrática. Durante a sessão, os deputados pediram a reconciliação de um país que atravessa um período de polarização extrema desde a primeira eleição de Hugo Chávez, no fim de 1998. A votação de ontem aprovou a versão inicial do texto, que agora será submetido a consulta pública para passar ao debate

final, artigo por artigo — ainda sem um cronograma fixado.

A minuta do projeto, obtida pela agência de notícias France-Presse, menciona sublevações contra o governo, como a tentativa de golpe contra Chávez, em 2002, a onda de manifestações de rua de 2004, em que a oposição exigiu a convocação de plebiscito para reverter seu mandato, e os protestos contra a reeleição de Maduro, em 2024.



Manifestação em Caracas: governo cede à pressão das ruas